

PESCA ARTESANAL NO RIO TURIAÇU, SANTA HELENA – MA: REGISTRO DE UMA PRÁTICA ETNO-CULTURAL

*Artisanal fishing on the Turiaçu river, Santa Helena - MA: a record of an
ethno-cultural practice*

Arkley Marques Bandeira
Universidade Federal do Maranhão

Giovana de Araujo Leite
Universidade Federal do Maranhão

Leonardo Silva Soares
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

O presente artigo deriva dos resultados obtidos no projeto temático Inventário de varredura e reconhecimento dos bens históricos e culturais da Baixada Maranhense e Reentrâncias Maranhenses, que vem sendo realizado desde 2018, em diferentes municípios situados na Amazônia Maranhense. O recorte adotado em nossa pesquisa trabalhou aspectos temáticos e espaciais, com enfoque nas práticas pesqueiras tradicionais no rio Turi, na porção correspondente ao município de Santa Helena, Maranhão. Para tal foi aplicado o Inventário de Varredura e Conhecimento, em uma pesquisa participante, na qual a família da autora deste estudo é pescadora e ainda permanece pautando parte de seu ciclo anual realizando atividades pesqueiras familiares, no período da baixa do referido rio. Ao longo deste serão apresentadas as bases da pesquisa, a metodologia utilizada e os resultados obtidos.

Palavras-chave: Pesca tradicional; Inventário; Pesquisa participante

ABSTRACT

This article derives from the results obtained in the thematic project Inventory of scanning and recognition of historical and cultural assets of Baixada Maranhense and Reentrâncias Maranhenses, which has been carried out since 2018, in different municipalities located in the Amazônia Maranhense. The approach adopted in our research worked on thematic and spatial aspects, focusing on traditional fishing practices on the Turi River, in the portion corresponding to the municipality of Santa Helena, Maranhão. To this end, the Scanning and Knowledge Inventory was applied, in a participatory research, in which the family of the author of this study is fishermen and still remains part of their annual cycle carrying out family fishing activities, during the low period of the aforementioned river. Throughout this the basis of the research, the methodology used and the results obtained will be presented.

Keywords: Traditional fishing; Inventory; Participant research.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos milênios a pesca tradicional vem sendo experienciada por gerações inteiras de povos e comunidades tradicionais que vivem dessas práticas como ofício primário. Atualmente, as diferentes práticas pesqueiras consideradas tradicionais e/ou artesanais correspondem a 60% da pesca nacional, resultando em uma produção de mais 500 mil toneladas por ano. Na região Nordeste, a pesca possui grande representatividade econômica e social para as pessoas que tem seu modo de vida e ancestralidade ligada aos recursos pesqueiros.

A etnografia da pesca tradicional utilizada se caracteriza por ser multitemporal, sintonizada com as propriedades direcionais das práticas e preocupada com os vários modos sócio vernaculares da percepção e historicização deste fazer ancestral. Nesse âmbito, Hamilakis (2011) argumenta que a prática etnográfica potencializa o conhecimento em campo porque ultrapassa sua natureza de método, afirmando:

[...] é muito mais do que uma prática e um método, tratando-se de uma temática transdisciplinar e transcultural que permite múltiplos encontros, conversações e intervenções, além de potencializar percepções etnograficamente múltiplas e alternativas da materialidade e da temporalidade; propriedades e qualidades de objetos e coisas, taxonomias cronométricas, tipológicas, funcionais ou formais, dentre outros aspectos, permitindo que agências sejam encenadas por meio de performances contemporâneas, onde humanos, outros seres, objetos e coisas são protagonistas (Hamilakis, 2011, p. 403).

A metodologia empregada nesta pesquisa estrutura-se a partir da aplicação do Inventário de Conhecimento ou Varredura desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), no âmbito da política nacional de patrimônio imaterial (IPHAN, 2000). Um Inventário de Conhecimento ou Varredura é qualquer estudo que vise conhecer o universo de um bem cultural de determinada região, podendo relacionar-se a um determinado tema, funcionando como um mapeamento abrangente, cujo objetivo final é o conhecimento, salvaguarda e proteção. Inventariar significa encontrar, tornar conhecido, identificar, descrever de forma apurada cada bem considerado, de modo a permitir a sua adequada classificação. Exige-se rigorosa pesquisa, organização e sistematização das informações obtidas, devendo seguir as fases de desenvolvimento de uma pesquisa científica (IPHAN, 2006).

No caso em análise, foram inventariadas às práticas pesqueiras de um grupo distinto de pescadores artesanais que efetuam deslocamentos anuais do meio urbano e se mudam por alguns meses para as margens do Rio Turiaçu, no município de Santa Helena com o intuito de acampar para realizar a pesca intensiva no período de seca e processar o pescado por meio da salga e secagem.

Santa Helena situa-se às margens direita do Rio Turiaçu, e é popularmente chamada de “Pérola do Turi”, o que diz muito sobre a

fundação do município e as práticas ancestrais adquiridas pelos pescadores na atualidade. Santa Helena localiza-se microrregião da Baixada maranhense, tendo sido emancipada definitivamente em 1935, mas o seu povoamento teve início em princípios do século XIX, “por um índio chamado Pedro Alves, o principal de sua Aldeia, que pediu uma porção de terra às margens do Rio Turiaçu, para o assentamento de sua aldeia do Laranjal” (Ferreira, 2011, p. 12).

Conforme mencionado anteriormente, a pesquisa foi realizada no município de Santa Helena, Maranhão, na região Nordeste do país, conforme indicado na Figura 1.

Figura 1 - Localização de Santa Helena no Maranhão.



Fonte: Wikipédia (2021).

O mesmo possui uma área territorial de 2.191,169 km², com as seguintes coordenadas -2.561719, -45.597019. Banhada pelas águas do Rio Turiaçu, possui como municípios limítrofes Turilândia, Santa Luzia do Paruá, Presidente Sarney, Pinheiro, Central do Maranhão, Mirinzal e Serrano do Maranhão.

As últimas atualizações mostram uma população estimada de 42.483 habitantes, dividida entre católicos, evangélicos e espíritas. Segundo o censo de 2017, o município apresenta 4.8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, 22.7% de domicílios urbanos em vias públicas com arborização e 0.2% de domicílios urbanos em vias públicas com urbanização adequada, que possuem presença de bueiro, calçadas, pavimentação e meio-fio.

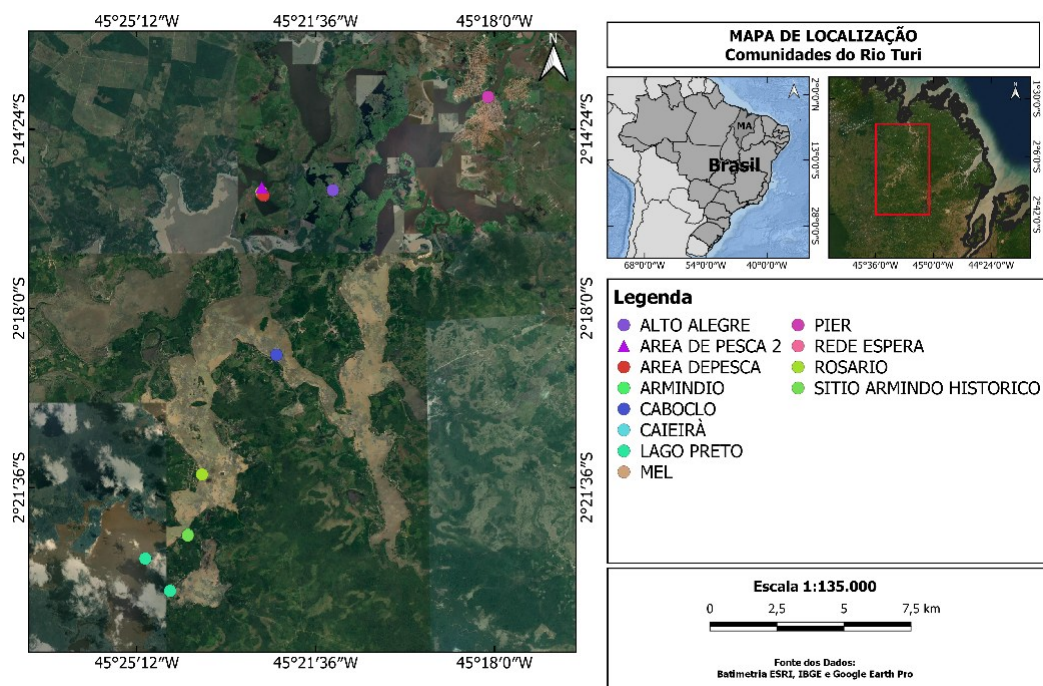
A etnografia foi realizada na localidade denominada de “Lago do Toco”, popularmente é chamada pelos pescadores de “Ilha da Onça”, onde há o Povoado Alto Alegre, o local com habitação mais próximo dessa região, conforme indicado nas Figuras 2 e 3.

Figura 2 - Povoado de Alto Alegre.



Fonte: Google Maps (2021).

Figura 3 - Mapa da área da pesquisa, com os locais pesquisados.



Fonte: Elaboração de Adilson Machado (2021).

Nesta localidade e em outros lagos vizinhos é praticado uma modalidade de pesca bem antiga e que apresenta traços bem específicos, conhecida como “Pescaria De Acampamento, Barraca ou secar traíra”. Diferentemente de outras modalidades que são praticadas, que demandam

uma jornada de trabalho bem mais curta, essa exige daqueles que a praticam meses de dedicação, iniciando-se na organização dos mantimentos e partindo para a montagem do acampamento, onde estende-se por meses as habitações nessas regiões. Os pescadores fazem desses campos alagados, igarapés e canais de fonte de renda, com o objetivo final de trazer para casa o pescado processado e embalado para venda no comércio local.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA PESQUISA EM PESCA ARTESANAL

Inicialmente, é relevante destacar que a pesquisa realizada se inspirou em estudos pretéritos de cunho etnográfico, a exemplo dos trabalhos de Luís da Câmara Cascudo, em Jangadeiros (1957), que sistematizou sobre a pesca em jangada no Nordeste brasileiro; como também os estudos conduzidos por Gioconda Mussoline (1980), sobre o cerco da tainha na Ilha de São Sebastião e o cerco flutuante de pesca japonesa na mesma ilha, que descreveram os modos de vida e as técnicas aplicadas à pesca utilizadas por pescadores do litoral de São Paulo.

A esse respeito, Diegues (1997, S.P) destaca que:

A quantidade e a diversidade dos trabalhos sobre comunidades de pescadores publicados no Brasil apontam para a construção de um campo específico do conhecimento nas ciências sociais que poderia ser intitulado: Sócio Antropologia Marítima (ou da Pesca). A Antropologia Marítima é hoje um campo de pesquisa especializado de estudo etnológico sobre comunidades que vivem do mar, especialmente da pesca.

Coadunando com a ideia de Pascoal Fernandez (1991), embora seja comum a utilização da terminologia “Antropologia Marítima”, é preferível utilizar o termo “antropologia da pesca”, considerando que este último abrange pescadores que desenvolvem atividades em ambientes de água doce, a saber, rios e lagos.

Nas palavras de Geistdoerfer (2016), a Antropologia da pesca estuda a variedade e a complexidade dos sistemas técnicos, sociais e simbólicos elaborados pelas populações no processo de apropriação do espaço marinho que daí retiram sua subsistência. Como se vê, tal campo de estudos já possui uma discussão, apesar de inicial e controversa, acerca de suas definições e objetos próprios.

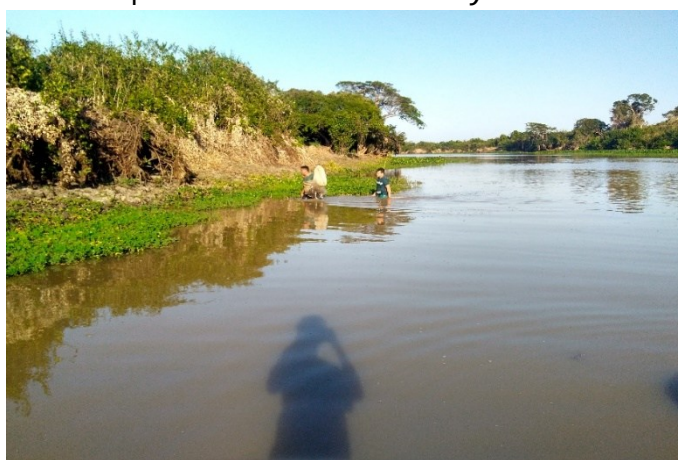
Na pesquisa em questão, além da aplicação do inventário, foram realizadas vivências na comunidade pesqueira para registro das práticas e coleta de relatos orais. Conhecer a memória local do grupo estudado por meio das histórias de vida proporciona uma visão mais detalhada do que leva ou motiva os pescadores artesãos a continuarem com tal ofício. Ao escolher o local de investigação, a presença de uma família de pescadores que pratica o ofício por mais de três gerações e que permanecem habitando nas mesmas localidades do município em questão foi essencial para o desenvolvimento da escrita etnográfica.

A pesquisa de campo foi dividida entre a coleta de dados no acampamento da *Família Leite*, situado às margens do Rio Turiaçu, durante

3 (três) anos entre os meses de agosto a outubro, por meio da observação do funcionamento do acampamento e da participação nos fazeres diários. Em um segundo momento, foi aplicado um questionário semiestruturado com 32 perguntas aplicado, preferencialmente entre os agentes que praticam o ofício há mais tempo.

Utilizando dos novos recursos que as mídias sociais e os avanços tecnológicos nos proporcionam, foi possível, por meio de aplicativos de navegação, a coleta de imagens das áreas visitadas, assim como o trajeto percorrido e a localização do município no globo terrestre. Sobre alguns dados estatísticos populacionais e em relação às limitações da cidade, foi realizada a visita a sites especializados, como o IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico de Estatística).

Figura 4 - Captura do pescado com rede de nylon.



Fonte: autoria própria (19/08/2018).

Figura 5 - Pescadores puxando a rede para a retirada dos peixes capturados.



Fonte: autoria própria (30/09/2018).

CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTO ETNOCULTURAL POR MEIO DA APLICAÇÃO DO DO INVENTÁRIO PARA O REGISTRO DA PESCA ARTESANAL NO RIO TURI

A montagem do acampamento

Durante as visitas ao campo, a primeira etapa consistiu na observação e registro da montagem do acampamento de pesca da *Família Leite*, onde o Sr. Vavá, pescador local, menciona que ele ocupa o mesmo pesqueiro há mais de 25 anos, sempre situando seu acampamento às margens do *Lago do Toco*.

A montagem do acampamento demora cerca de dois dias, considerando a retirada das matérias-primas, como madeira, palhas e fibras, que são utilizadas para erguer as habitações. Além dos materiais naturais retirados do local, ainda são necessárias lonas plásticas para ajudar na cobertura das barracas e tiras de tecido, arames e barbantes para as amarrações das estruturas de madeira. Na ambientação das barracas, foram observados utensílios básicos de uma casa, como como redes de dormir, caixas de isopor, lanternas para a iluminação, murões de sebo, talheres, pratos, baldes, etc. Na Figura 5 é possível notar como ficou o acampamento após a sua montagem.

Figura 6 - Acampamento da família Leite.



Fonte: autoria própria (08/09/2018).

A mudança das famílias

Sobre a mudança e estadia no acampamento de pesca, as famílias levam em consideração às condições climáticas, ou seja, a partir do equilíbrio da seca do rio Turi, que varia de acordo com o começo e finalização do período chuvoso. Logo, o deslocamento para o acampamento

pode iniciar-se entre junho e agosto e se estender até outubro ou novembro, com uma média de membros da família, entre 8 e 10 pessoas, entre os pais, filhos, cunhadas e netos, com a liderança do Sr. *Edvaldo Costa Leite Filho* (Vavá), reconhecido como líder do acampamento e o responsável pela colocada das redes e captura do peixe; sucedido por *Joana de Araujo Leite* (Dona Joana), sua esposa, a responsável pela manutenção e organização do acampamento, além de trabalhar diretamente com a higienização e salga do pescado. Os agregados familiares se responsabilizam pelo restante das atividades como apoio a pesca e despescas, coleta da lenha para preparo dos alimentos e fogueiras durante a noite e o manejo da água as atividades cotidianas.

No acampamento da Família Leite, além do núcleo familiar, foi constatado um fluxo constante de visitantes nos finais de semana, período em que a maioria dos frequentadores está de folga na cidade e se deslocam para pescar ou se socializar. Esse público pratica uma pesca de ocasião e costumam levar o peixe fresco já tratado para a cidade, ao fim de tarde no domingo.

Além de estruturar as atividades de pesca, no acampamento foram notadas outras atividades secundárias, como o cultivo de hortaliças (cheiro verde, cebola de folha e pimentas) em canteiros suspensos, criação de animais (patos e galinhas), caça de aves com armadilhas e queima de madeira para a fabricação do carvão natural. As Figuras 6 e 7 registram as atividades realizadas às margens do rio Turi.

Figura 7 - Seu Vavá despescando à malhadeira



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

Figura 8 - Dona Joana tratando do pescado.

Fonte: autoria própria (30/09/2019).

Ao término dos meses de estadia, entre outubro e novembro, começam os preparativos para desmontagem do equipamento, e decorrência do início das chuvas e escassez de peixes com o aumento do nível do rio e dos lagos. É chegado o momento do retorno à cidade.

Neste momento, os materiais que poderão ser reutilizados nos anos seguintes, juntamente com sua criação de animais e o pescado capturado, processado e ensacado, retornam com os pescadores para suas casas no centro de Santa Helena. O que não é aproveitado, perde a serventia e é abandonado no local, que com a rio em seu máximo, será levado pelas águas do Turi, em um ciclo que se repetirá no ano seguinte.

Modalidades de pesca e captura do pescado

A pescaria, para além de uma atividade econômica, também é praticada como lazer. Nesse sentido, para que a captura dos peixes ocorra, é necessária a escolha de uma modalidade de captura, que tem relação com a habilidade e a disponibilidade dos apetrechos de pesca. Ademais, o tipo de pescaria também considera o tipo de peixe que quer capturar, às necessidades de quem está pescando, o local que será realizada a pescaria, o horário do dia ou da noite, dentre outros elementos.

No rio Turiaçu, as pescadoras e pescadores fazem uso de técnicas variadas de captura nos acampamentos, conforme listadas a seguir.

Pescaria de espera: pesca que se utiliza de uma rede com malhas variadas, comumente fabricada de forma artesanal pelo próprio pescador ou pescadora. Consiste em estender uma rede de nylon de uma margem a outra do rio e depois aguardar por um período de tempo, onde o pescado irá transitar e, possivelmente, se emaranhar nas redes. Após a espera, se retorna ao local da rede para efetuar a despesca do que foi capturado.

A rede permanece no local para mais um ciclo, cujo processo é refeito várias vezes durante o dia ou à noite. Nessa modalidade, o pescado pode ser coletado com o auxílio de canoas ou mesmo a pé, caminhando dentro do rio. É uma pesca que demanda menor atenção por parte da família, visto que a rede é fixada em uma distância alcançada pelo olhar, evitando que pessoas venham roubar o pescado. Os peixes mais comuns capturados nessa modalidade são Traíra, Piau, Jejú, Cabeça-gorda, Camurim, Urubarana, Peratatú, Sarapó, Acará e Bodó.

Pescaria de arrasto: pesca que se utiliza de uma rede com malhas variadas, comumente fabricada de forma artesanal pelo próprio pescador ou pescadora. É praticada em lagos que estão com o nível de água mais baixos, no qual os peixes são alvos mais fáceis de serem acoados e encurralados. Nessa prática é necessária, no mínimo, duas pessoas que estendem uma rede de nylon que está amarrada em dois pedaços de madeira, que são suspensos e conduzidos pelas pescadoras e pescadores, em movimentos lentos, por toda a superfície da área pescada. Nesta modalidade, a batida dos peixes e o peso da rede indicam o momento de arrastar a rede para às margens para realizar a captura. Os peixes mais comuns capturados nessa modalidade são Traíra, Piau, Cabeça-gorda, Camurim, Urubarana, Peratatú, Sarapó e Acará.

Pesca de tarrafa: a tarrafa também é feita com fio de nylon com malhas variadas, e comumente fabricada de forma artesanal pelo próprio pescador ou pescadora. A mesma tem a aparência de um saco ao ser lançado se abre e com o peso de chumbo nas extremidades adentra o fundo d'água. A mesma se vale bastante da habilidade de quem pesca, visto que a técnica de fazer a rede abrir não é fácil. Ademais, necessita da experiência, pois ela é lançada em direção onde se encontra o pescado. Para a pesca com tarrafa é necessário apenas uma pessoa para lançar a rede às margens do rio, com água na cintura ou sobre a canoa. Os peixes mais comuns capturados nessa modalidade são Traíra, Piau, Jejú, Cabeça-gorda, Camurim, Urubarana, Peratatú, Sarapó, Acará e Bodó.

Pescaria de choque e socó: pesca se utiliza de um apetrecho denominado de socó, que é elaborado artesanalmente pela pescadora ou pescador, que consiste em uma armadilha feita de cone, com várias varetas amarradas por fibras que se abrem desde uma circunferência na extremidade, que é manuseada por quem pesca. Essa modalidade é uma das que está mais rara nos dias de hoje, em decorrência de sua periculosidade, grande esforço físico e pouco rendimento de pescado. De acordo com relatos de uma pescadora local, “a pescaria de socó é realizada em lagos, sempre com a água no nível abaixo do quadril, socando e colocando a mão e retirando o peixe que estiver dentro. Essa modalidade exige habilidades e rapidez, pois a quantidade do pescado capturado varia de acordo com a experiência do pescador. Segundo relatos da pescadora, “existia pescadores que conseguiam capturar até dez quilos de pescado em um dia de pescaria”.

Apetrechos e outras tecnologias utilizados na pesca artesanal

Para captura do pescado no rio Turi são utilizados vários apetrechos, que são habilmente manejados pelo pescador. A malhadeira,

por exemplo, é o instrumento mais comum entre pescadores artesanais de Santa Helena. Possui o fio de nylon comprado em comércios locais especializados, juntamente com as cordas, nylon e chumbos. A parte artesanal nessa armadilha está na confecção, que é realizada pelos próprios pescadores, homens e mulheres, sem distinção de idade.

Assim como a malhadeira, a tarrafa também se utiliza de fibras sintéticas de nylon, e a sua técnica de confecção é diferente das malhadeiras, já que sua estrutura é feita a partir de um ponto zero. Ademais, alguns artesãos fazem de suas habilidades uma fonte de renda extra, vendendo as tarrafas já confeccionadas para os pescadores que não sabem ou não possuem disponibilidade para fabricar.

Além do material industrial, é comum a utilização das matérias-primas encontradas pela região para confecção de apetrechos de pesca, bem como côfos, mensabas, abanos, além de usá-las como cobertura dos acampamentos. As canoas, remos e espetos que fazem parte do processo de captura e são utilizados no deslocamento entre os rios e lagos, também são fabricados com o uso da madeira local.

Figura 9 - Tarrafa, à esquerda; e soco, à direita.



Fonte: autoria própria (30/09/2018).

Espécies capturadas

De acordo com o Catálogo das Espécies de Peixes de Água Doce do Brasil (Buckuo; Menezes; Ghazzi, 2007) “[...]registra-se a ocorrência de 2.587 espécies válidas pertencentes a famílias de peixes que ocorrem exclusivamente em ambientes de água doce”.

O rio Turiaçu, que divide os municípios de Santa Helena e Turilândia, está repleto de espécies de peixes que percorrem toda a extensão de suas águas, deixando lagos e igarapés mata à dentro recheados com diversas espécies. Para as pescadoras e os pescadores, algumas espécies de peixes possuem nomes diferenciados de outras regiões. As espécies do rio Turi estão divididas entre peixes de escama, peixes de

couro ou esporão e peixes de casco. É difícil mensurar qual categoria de peixe influencia mais no comércio local, já que todas as espécies são consumidas sem restrições legais ou por crendices.

Visando a identificação do pescado, notou-se a necessidade de uma catalogação mais detalhada dos peixes da região. As imagens a seguir correspondem às espécies capturadas pelos pescadores artesanais, mais especificamente no “Lago do Toco”.

Durante as visitas aos acampamentos dos pescadores, que ocorreram nos anos de 2018, 2019 e 2020, foi possível a coleta de fotos e relatos orais. O primeiro mapeamento identifica peixes de escama e o segundo de peixes de couro ou esporão e, por fim, os de casco, como mostram os Quadros 1, 2 e 3.

Quadro 1 - Peixes de Escama

Espécie	Especificações	Imagem
Traíra (Hoplias Malabaricus)	A traíra habita águas paradas de lagos, represas, brejos, remansos e rios.	
Sarapó (Gymnotus Carapo)	O Sarapó possui coloração pardacenta e nadadeira anal muito longe, estendendo-se por quase toda a face ventral.	
Acará (Geophagus brasiliensis)	O Acará habita ambientes de águas paradas, mas também é encontrado nos rios, especialmente nos remansos ou nas margens com vegetação abundante.	
Camorim (Crenicichla)	Habita em rios de água fria e corrente, sendo um peixe frágil, muito suscetível à poluição.	
Piaba com uma anomalia (Leporinus frederici Bloch)	Piaba" e "piava" procedem do termo tupi pi'awa, que significa "pele manchada."	

Piau (Leporinus freiderici)	O Piau-Três-Pintas habita margens de rios, lagos e florestas inundadas.	
Jeju (Hoplerthrinus Unitaeniatu)	O Jeju é considerado como uma espécie de ambiente lântico, ou seja, prefere viver em águas paradas, em locais como remansos de rios, córregos, lagoas marginais, brejos e açudes.	
Cabeça - gorda (Leporinus macrocephalus)	O Piavuçu é um peixe que faz longas migrações rio acima para se reproduzir.	
Tapiaca (Psectrogaster amazônica)	É um peixe de pequeno porte. Ocorre principalmente em lagos e lagoas associadas aos rios.	
Piranha (Serrasalmus rhombeus)	Peixe carnívoro de água doce, muito ágeis. Vivem em cardumes e habitam os rios e lagos da América do Sul.	

Fonte: Imagens de autoria própria. Informações retiradas e disponíveis em: <<https://www.ctp.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil>>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

Quadro 2: Peixes de couro ou esporão

Espécie	Especificações	Imagem
Peratatu (Trachydoras)	Ocorre principalmente em águas tranquilas em lagos e pequenos riachos, preferindo áreas pouco profundas e pantanosas com substrato macio e arenoso.	

Surubim (<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i>)	O Surubim é um dos maiores peixes de água doce do Brasil, podendo pesar mais de cinquenta quilos e atingir mais de um metro de comprimento total.	
Mandiaçú (<i>Siluriformes</i>)	Apresenta comportamento pacífico; pode ser criado em aquário comunitário desde que evite peixes pequenos o suficiente para caber em sua boca, assim como peixes de grande porte que podem comê-lo e acabarem se engasgando com os espinhos venenosos.	

Fonte: imagens de autoria própria. Informações retiradas e disponíveis em: <<http://www.klimanatural.org/2012/06>> e <<https://www.infoescola.com/peixe>>. Acesso em 01 de agosto de 2021.

Quadro 1 - Peixes de Casco

Espécie	Especificações	Imagem
Cascudo (<i>Hoplosternum littorale</i>)	Apresenta corpo fusiforme e coloração pardacenta. Seu corpo é coberto por placas ósseas, semelhante a uma armadura. É um peixe pacífico que pode ser mantido em aquário comunitário com peixes igualmente pacíficos.	
Carral (<i>Pterodoras granulosus</i>)	O Abotoado habita águas de grande profundidade, como rios, poços de grande profundidade, matas inundadas, lagos de várzea e canais, onde rastreia o fundo em busca de comida.	

Bodó (Loricariidae cascudos)	Os loricariídeos são peixes exclusivos de água doce, que habitam os rios e lagos da América Central e do Sul.	
---	---	--

Fonte: Imagens de autoria própria. Informações retiradas e disponíveis em: <<https://www.ctp.com.br/artigos/peixes-de-agua-doce-do-brasil>>. Acesso em 01 de agosto 2021.

É de notório que as espécies mencionadas anteriormente representam apenas uma parcela do que o nosso ecossistema tem a oferecer. Trata-se de uma pequena amostra coletada durante as visitas aos acampamentos investigados durante a elaboração dessa monografia.

Processamento do pescado

Normalmente, o processamento do pescado, também chamado de concerto ou limpeza do pescado é feito pelas mulheres do acampamento, de idades variadas. Esta atividade é realizada no quintal do acampamento, onde as responsáveis se reúnem em volta de uma espécie de estaleiro (mesa improvisada com madeira da região), cada qual com seus materiais (facas, tábua e banco), iniciando a limpeza do peixe.

Nesta atividade foi notada uma divisão social do trabalho por idade, com as mulheres mais novas retirando as escamas e nadadeiras dorsais e, as mais experientes responsáveis por retirar as entranhas e deixar o pescado em ponto de salga. Nesse momento, ocorrem contações de história, lembranças de outros tempos nos acampamentos de pesca, famílias que já abandonaram os ofícios e lendas e causas das águas do rio Turi.

Após a limpeza do peixe, passa-se para o momento de salga, sendo um processo aleatório que não possui uma pessoa fixa para realizá-lo. A responsável juntará os peixes em uma bacia e aplica uma quantidade generosa de sal para impedir que o peixe apodreça durante o período de exposição ao sol. Seguindo a cadeia de eventos, o peixe salgado ficará em descanso por uma noite. No dia seguinte, o peixe será exposto em um *jirau* (construção feita de talos e madeira e cipós para amarrações), plataforma suspensa durante 3 a 5 dias secando naturalmente. Neste intervalo, há a gestão da secagem, como a sua retirada, caso venha alguma chuva, ou a virada do peixe. Quando o peixe estiver totalmente seco, já seco, é retirado do *jirau* e vai direto para o ensacamento que pode ser em *cofos* ou sacos de nylon. Este processo é denominado de salpreso, peixe seco ou jabiraca.

O ensacamento é geralmente feito pelos homens ou pelas mulheres mais velhas. Finalizado essa etapa, o peixe já está pronto para ser levado à cidade onde é guardado por mais um tempo, ou segue direto para a comercialização.

O peixe com maior apelo comercial é a traíra (jabiraca), seguida do surubim. Outros peixes até podem passar por esse processamento, mas seu direcionamento é simplesmente para o consumo dos próprios pescadores, pois o mesmo não é considerado apropriado para a venda, tanto por desinteresse dos compradores como pela sua conservação, que é mais curto do que a traíra, ainda que passando pelos mesmos processos.

O destino dos peixes secos é o consumo no período da Semana Santa, onde já maior procura. Além de ser consumido assado, os moradores locais fazem tortas e frigideiras com o peixe desfiado ou mexido. Uma iguaria que depende de um longo processo exaustivo, mas que gera renda para muitas famílias de pescadores artesanais.

Os peixes que não são processados pela técnica do salpreso é utilizado na alimentação diária dos moradores dos acampamentos. São geralmente preparados cozidos, assados ou fritos. Pode ser consumido também o peixe seco com o típico chibé (farinha e água) ou somente com farinha. Além do pescado local, o cardápio dos moradores dos acampamentos, dependendo da caça, pode ser aves, tartarugas e jacarés, que são complementados pelos mantimentos que chegam da cidade semanalmente, como arroz, farinha, feijão, sal, café, biscoitos e óleo.

Figura 10 - Mulheres tratando do pescado (Ilha da Onça).



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

Figura 11 - Salga da Traíra.



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

Figura 12 - Secagem da traíra em jirau (Ilha da Onça).



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

Figura 13 - Peixe sendo ensacado após secagem.



Fonte: autoria própria (06/10/2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização o inventário da pesca artesanal no rio Turi, bem como o processamento do pescado possibilitou construir conhecimento acerca de práticas pesqueiras que estão desaparecendo no contemporâneo. Ademais, o fato de uma das autoras deste artigo ter nascido em uma das últimas famílias que ainda constroem acampamentos de pesca no rio Turi foi um desafio, no sentido de acessar memórias de toda uma vida para compreender modos de vida que são considerados suportes de memórias e histórias.

Ao longo das investigações traçadas e realizadas para a criação e finalização desse estudo, foi possível perceber que o olhar de quem pesquisa só é possível quando se traça uma linha entre o passado, presente e, possivelmente, o futuro daqueles que dependem da pesca artesanal. As armadilhas utilizadas, o manejo dos materiais, as modalidades de captura, a forma do processamento, entre outros aspectos não surgiram de uma forma e permaneceram imutáveis, em algum momento necessitou de mudanças e adaptações e vem encarrando o desafio de fazer sentido às pessoas em um mundo globalizado e pós-moderno, no qual práticas e modos de vida tradicionais persistem em existir.

Ao presenciar depoimentos de pescadores mais antigos e outros mais recentes, é possível perceber o peso da mudança em suas vidas, por exemplo: um artesão que seguiu os ensinamentos do pai e hoje repassa para filhos e netos, traz em suas histórias um arcabouço de informações que, dificilmente poderão ser tratadas com tanta fidelidade em uma narrativa etnográfica.

A realidade vivida pelos pesquisadores artesanais do rio Turi mostra resiliência e apego a um modo de vida que demora fazer sentido às novas gerações, tanto no sentido simbólico, quanto econômico. Está cada vez mais difícil obter boas vendas do peixe salpreso, sobretudo com o aumento dos criatórios de peixe e o avanço da piscicultura na Baixada Maranhense.

No campo simbólico, a tradição encontrada neste ofício, parte principalmente das histórias contadas (histórias de pescador), narrativas que alimentam o imaginário, as cantigas, os grupos de dança indígenas locais, as habilidades artesanais que passam de geração em geração, mesmo que em todas as narrativas se escutem frases, como “trabalho árduo”, “cansativo”, “desvalorizado”, “não quero esse trabalho para nem um dos meus filhos...”.

Para concluir, a nossa leitura é que as modalidades de pesca artesanal como as observadas no rio Turi tem o futuro incerto. Os hábitos contemporâneos avançam rapidamente para classificar como antigo os modos de vida tradicionais, que ainda persistem em sobreviver nos dias de hoje.

REFERÊNCIAS

DIEGUES. Antônio Carlos. **O Mito Moderno da Natureza Intocada**. São Paulo: Hucitec, 1996.

DIEGUES. Antônio Carlos. **Ilhas e Sociedades Insulares**. São Paulo: Nupaub - USP, 1997.

FERNANDEZ, José Pascual. Entre el mar y la tierra: **Los pescadores artesanales canários**. Ministerio de Cultura-Interinsular Canaria, Santa Cruz, 1991.

FERREIRA, R. P. **Santa Helena, Alma e História**. São Luís: 2011.

GEISTDOERFER, Patrick. **A vida nos mares**; trad. Maria Paulo dos Santos Guerreiro. – Mem Martins: Europa-América, 2016.

HAMILAKIS, Yannis. Archaeological Ethnography: a multitemporal meeting ground for archaeology and anthropology. *Annual Review of Anthropology*, n. 40, 2011, p. 399-414. Disponível em: <<https://www.annualreviews.org/doi/abs/10.1146/annurev-anthro-081309-145732>>. Acesso em: 04 jul. 2021.

IPHAN – Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional. **Referências culturais**: base para novas políticas de patrimônio. Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2000.

IPHAN – Instituto Patrimônio Histórico Artístico Nacional. **Patrimônio Imaterial**: o registro do patrimônio imaterial: dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: Ministério da Cultura / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 4. Ed, 2006.

IBGE. **Base de dados por municípios das Regiões Geográficas Imediatas e Intermediárias do Brasil** (2017). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

MUSSOLINE, Gioconda. **Ensaio de antropologia indígena e caiçara**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

Contato dos autores:

Autor: Arkley Marques Bandeira
E-mail: arkley.bandeira@ufma.br

Autora: Giovana de Araujo Leite
E-mail: arkley.bandeira@ufma.br

Autor: Leonardo Silva Soares
E-mail: leonardo.soares@ufma.br

Manuscrito aprovado para publicação em: 10/11/2024